

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

O LUGAR DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO ¹

THE PLACE OF WOMAN IN THE LABOR MARKET

Maria Paula de Moura Mastella², Mariana Araujo Padilha³, Angela Maria Schneider Drügg⁴

¹ Estudo realizado a partir do estágio básico do curso de Psicologia da Unijuí

² ESTUDANTE DO CURSO DE PSICOLOGIA

³ ESTUDANTE DO CURSO DE PSICOLOGIA

⁴ Professora do curso de Psicologia

INTRODUÇÃO

Esse estudo visa retratar as conquistas das mulheres no âmbito do trabalho, abordando alguns marcos históricos que foram significativos para as mudanças que ocorreram desde os primeiros séculos até os dias de hoje, onde se observou constante progressão e destaque em diversas áreas, como também persistência na luta contra o preconceito. A busca pelo conhecimento, pelos direitos e pela independência foram importantes para sua inserção no mercado de trabalho e demais feitos até a contemporaneidade.

Palavras-chave: Trabalho, Mulheres, Conquistas, conhecimento.

Keywords : Work, Woman, Achievements, Knowledge.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa bibliográfica através da leitura de artigos científicos, com fins de compreender o papel da mulher no mercado de trabalho e suas conquistas nesse meio, juntamente com uma discussão dos fatos explorando a temática ao longo do tempo até os dias de hoje. Buscamos no decorrer deste estudo, refletir sobre o lugar ocupado pela mulher e suas conquistas ao longo da história no mercado do trabalho, na busca por conhecimento e construção de uma carreira profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde muito tempo as mulheres vem realizando algum tipo de atividade em seus lares, embora não estivessem exercendo uma profissão. As convenções ditavam que era o marido o provedor. O homem trazia o alimento e trabalhava para o sustento familiar, a mulher era a senhora do lar, reservada para os cuidados da família e da casa.

A história mostra que desde o início da civilização a dominação masculina foi predominante e a mulher ocupava o lugar de dominada e submissa. No regime patriarcal, o homem era a figura a quem cabia domínio público, privilégio social e político. As mulheres ficavam reclusas em casa com os

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

filhos, pois mulheres que andavam na rua eram consideradas como “sem caráter, com má índole”. A casa era um símbolo que reservava honra e caráter a quem ali habitava.

As mulheres eram vistas como guardiãs dos filhos e da economia do lar, sendo que o trabalho doméstico era o único possível de ser praticado. Dirigiam todo esforço para o bem-estar dos filhos e marido, vivendo para os outros e não para si mesmas.

De acordo com Leal (2016) a atuação da mulher no mercado de trabalho inicia consideravelmente com a Revolução Industrial, onde houve real absorção da mão-de-obra feminina. Isso se deu pela necessidade das fábricas de cortarem gastos com salários, afinal como eram mulheres podiam receber uma quantia inferior.

A Revolução industrial surge em um grande período de mudanças, na Inglaterra, no século XVII, que sai de um sistema feudal partindo para o capitalismo, o que provoca inúmeras alterações na estrutura econômica e social, movimentando as pessoas do campo para a cidade. Nesse período, cada trabalhador passa a realizar uma etapa apenas da produção.

No século XVIII, segundo McElroy (2018), mulheres e crianças eram vistas como cidadãos de segunda classe, assim mesmo, muitas saíram do campo e foram em busca de emprego e educação, tornando-se uma força social. No final século XIX seus direitos foram melhor reconhecidos.

Até o século XVIII, não havia oportunidades para o trabalho feminino. Foi nesse período, com a introdução de máquinas, que mulheres e crianças adentraram às fábricas. O trabalho feminino se destacava nas fábricas de lã, onde se utilizava como matéria prima, o algodão, para cardagem, fiação e tecelagem da lã.

Ali eram exigidas jornadas de trabalho absurdas, em condições insalubres e salários até 60% menores que o dos homens, o que levou a problemas sociais como a mortalidade materna e infantil. Muitas mulheres saiam do trabalho de parto e após poucos dias retornavam ao trabalho sem uma recuperação cuidadosa e amamentação adequada para o recém-nascido. As mães não tinham escolha a não ser levar as crianças ao trabalho mesmo muito pequenas, para ali poder monitorá-las e alimentá-las.

Assim, conforme Toledo (2018), a saída da mulher para o mercado de trabalho, que poderia proporcionar sua emancipação, virou sinônimo de opressão e superexploração, impondo uma dupla jornada de trabalho e uma duplicação de sua alienação enquanto trabalhadora.

A autora aponta que a partir do século XIX observam-se mudanças na sociedade. A figura paterna decaiu aos poucos, abrindo espaço para a mulher. O pai vai deixando de ser autoridade máxima, o Estado interfere nas leis tratando homens e mulheres como seres iguais, e o casamento torna-se uma união consensual entre homens e mulheres.

No início do século XIX, com os reflexos do capitalismo, houveram mudanças nos meios de produção, nos meios tecnológicos e nos equipamentos industriais, levando muitas mulheres para as fábricas, trazendo certos benefícios a classe feminina, mas também algumas injustiças e explorações que perduraram ao longo do tempo. As diferenças salariais acentuadas entre homens e mulheres, se justificavam pelo fato de que seria do homem a responsabilidade de trabalhar para sustentar a mulher

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

e os filhos.

Somente após a I e II guerra mundial, como afirma Leal (2016), a mulher realmente começa a exercer funções antes executadas por homens. Durante esse período elas assumiram o lugar do homem tanto nos negócios e empresas, quanto na condução do lar.

Atualmente, de acordo com Probst (2015), a questão da escolha profissional e os cargos ocupados por homens e mulheres ainda são bastantes questionados, pois essas relações se alternam na medida que a mulher acaba ocupando espaços de trabalho onde os homens antes tinham dominância. Como já visto as funções das mulheres já estavam determinados nas fábricas e em suas casas, tais como as de costureira, doméstica, cozinheira, etc. Porém, nas últimas décadas passamos por diversas mudanças que interferiram no aumento e na procura do trabalho feminino. A década de 70, por exemplo, trouxe mudanças em profissões que tradicionalmente eram seguidas por homens, como a medicina e engenharia e o direito, recebendo a cada ano um percentual de mulheres.

Conforme a autora (ibid), mesmo com a conquista das mulheres de cursarem faculdades consideradas tradicionais masculinas, a porcentagem de atuação na área, com ocupação de empregos é bem menor, sendo elas desfavorecidas. As mulheres ainda detêm relativamente uma falta de poder, tanto nas tomadas de decisões, quanto no que envolve seu futuro particular e de sua família, ocupando um papel de subordinadas. Já os homens, ainda apresentam uma identidade de chefe, de denominação, assim como já mencionamos ocorria no patriarcado, podendo ter mais facilidade de conquistar cargos com alta responsabilidade e liderança.

Atualmente os papéis femininos ainda estão mais direcionados ao cuidar do outro, ao servir e ajudar, como serviços sociais, ou áreas das ciências humanas. Em relação aos homens, Lassance e Magalhães (1997) referem que o papel masculino encontra-se fortemente associado ao trabalho, ao desempenho, à produtividade e ao êxito profissional, o homem tende a ir para cargos complexos no eixo técnico e industrial.

Em 2018, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), as mulheres apresentaram liderança na obtenção de diploma de ensino superior, mas mesmo com o maior conhecimento buscado, elas ainda continuam com menor participação no mercado de trabalho. Apenas 80% das mulheres diplomadas trabalham, já entre os homens o percentual é de 89%, sendo que também as mulheres ganham 26% menos que os homens que possuem a mesma formação, segundo a Organização. No Brasil, 20% das mulheres entre 25 e 34 anos tinham diploma de ensino superior em 2017, enquanto entre os homens esse percentual era de 14%.

Como se pode comprovar, a representação das mulheres é assimétrica nos lugares onde o poder e a tomada de decisão são fundamentais. “Apesar das mulheres representarem cerca de 40% da população ativa no mundo ocidental, elas continuam a ser uma minoria nas posições de gestão e na política, sendo praticamente invisíveis nas posições de topo” (Pallarés, 1993; Powell, 1993).

Mesmo com o passar dos anos ainda é difícil ver mulheres ocupando lugares de poder, como por exemplo, políticos ou altos cargos do mundo empresarial.

“A realidade atual indica (...) que a mudança estrutural representada pela entrada das mulheres de diferentes classes sociais nos diversos setores do mundo do trabalho, não é suficiente para alterar a

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

função da mulher na família, nem dá necessariamente origem a uma mudança na sua condição social” (Amâncio, 1989, p. 33).

Dados atuais comprovam que a quantidade de mulheres decai progressivamente na medida que se escala os cargos hierárquicos mais altos, e mesmo assim, quando as mesmas chegam a alcançar tais postos, ainda se veem em setores tradicionalmente femininos. Isso se dá desde o início da escolha vocacional da mulher, já que, o gênero é um dos fatores mais decisivos e limitadores das escolhas dos jovens em âmbitos escolares e profissionais, influenciando nas suas escolhas ao longo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostrou que com o passar dos séculos as mulheres tiveram muitos avanços importantes nos mais variados campos, mas o que mais se destaca ainda nos dias de hoje, é a luta por seu lugar na sociedade. Cada vez mais elas buscam seu direito à independência, desligando-se do ideal de subordinadas às tarefas domésticas.

As previsões para esse século apontam a provável ascendência da mulher, assumindo papéis de liderança, superando os homens e quebrando os paradigmas da era industrial. Tal crescimento se dá pela incessante luta da mulher para conquistar seu espaço em uma sociedade que ainda atribui autoridade e privilegia o homem, trazendo assim, maior equilíbrio na distribuição de funções, no trabalho e na vida familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEAL, Joana. Inserção da mulher no mercado de trabalho foi passo importante para novas configurações sociais. 25 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://www.usp.br/aunantigo/exibir?id=7501&ed=1302&f=23>. Acesso em: 20/04/2020.

LASSANCE, M. C. P. & MAGALHÃES, M. O. (1997). Gênero e escolha profissional. In: R. S. Levenfus (Org.), Psicodinâmica da escolha profissional (pp. 47-61). Porto Alegre: Artes Médicas. Acesso em: 20/04/20.

TOLEDO, Cecília. Mulheres: o Gênero nos Une, a Classe nos Divide. São Paulo: Sundermann, 2008. Jornal O globo de 08/04/2007. Acesso em: 20/05/20.

MC, Wendy Elroy. A Revolução Industrial, as mulheres e as minorias: como a ideologia suprimiu a realidade. 3 de Setembro 2018. Disponível em: <https://www.mises.org.br/article/2937/a-revolucao-industrial-as-mulheres-e-as-minorias-como-a-ideologia-suprimiu-a-realidade>. Acesso em: 20/05/20.

AMÂNCIO, L.(1989). Factores psicossociológicos da discriminação da mulher no trabalho. Tese de Doutorado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa. Acesso em: 21/06/20.

PROBST, Elisiana Renata. . A Evolução da mulher no mercado de trabalho . 2 de Setembro.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

2015. Disponível em: <https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/a-evoluo-da-mulher-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 27/06/20.

PALLARÉS, S. (1993). La Mujer en la dirección. Barcelona. Universitat Autònoma de Barcelona. Acesso em: 29/07/20.